

lho para o estudo da História das Mulheres, no Rio de Janeiro, de 1803 a 1900.

Cada um de seus capítulos passou por revisões e reorganizações de comissões editoriais, de revistas, livros e cursos e teve desdobramentos que ainda estão ocorrendo, através da contribuição de estudiosos de outras áreas e do interesse que essa fonte histórica foi ganhando através dos anos. Ainda agora, estão inéditos dois desdobramentos: A infância no século XIX e Mulheres-Viajantes.

Dois diferentes interesses científicos diversificaram a perspectiva de análise inicial. A partir de 1989, a necessidade de apresentar o material que fora reunido no curso de História Social da Ciência e da Tecnologia Científica do Dr. Tamás Szmrécányi, na Unicamp, reorientou a minha análise para as condições do trabalho científico dos naturalistas, e minhas tentativas de análise iconográfica fizeram com que eu fosse analisando progressivamente a iconografia dos viajantes e suas relações com a memória.

Apesar dessa diversificação e de certas realfimações inevitáveis, o livro talvez pudesse se chamar *Análise de um tipo de documentação (os livros de viagem do século XIX)*, com o inconveniente de não ser passível de enquadrar-se dentro das disciplinas universitárias.

Por outro lado, resisti à idéia de reescrever o livro como um todo, pois, por deformação profissional, temo perder observações e análises subliminares que podem ser retomadas pelos possíveis leitores em resumos ou simplificações.

Miriam L. Moreira Leite

Introdução - Relatos de viajantes como fontes da história social da população brasileira

Os relatos de Viajantes Estrangeiros têm sido utilizados como documentação em trabalhos de História, Sociologia, Economia e Antropologia. Até 1970, contudo, tinham sido aceitos sem maiores análises críticas ou fora de uma perspectiva histórica. Embora sejam fontes promissoras de dados qualitativos (principalmente) para a História Social, a documentação que fornece precisa passar por um crivo analítico, que torne válida a sua contribuição.

Fizemos uma tentativa de estudá-los partindo do pressuposto de que o viajante, em sua qualidade de estrangeiro, como não fazia parte do grupo cultural visitado, tinha condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida quotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontrava-se

incapaz de perceber. O habitante vive sua vida e reflete apenas sobre seus aspectos mais próximos, sem tomar conhecimento de muitos outros do ambiente em que se encontra. As instituições, as interrelações sociais, os sinais, as indicações e orientações, que compõem o padrão cultural do grupo social a que pertence, são incorporados sem merecer uma reflexão global. O habitante tem uma vivência comum ao grupo, mas poucos conhecimentos sobre ele como um todo. Por ser alguém que é "de fora" e está ali "de passagem", sem intenção de ser aceito pelo grupo e com o objetivo de relatar a seus conterrâneos o que conseguiu perceber, o viajante torna-se um observador alerta e privilegiado do grupo visitado.

Em contrapartida, o viajante traz a postura do civilizado diante do povo atrasado, reforçada por uma série de obstáculos lingüísticos, culturais e econômicos à compreensão do grupo visitado. Mesmo quando o viajante não pertence à nobreza ou à alta burguesia, identifica-se com a civilização européica e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou o fracasso. Ao avaliar o grupo visitado e seus valores estranhos, dos quais o observador tem apenas amostras concretas fragmentárias, o visitante e o habitante acabam vítimas de inúmeros mal-entendidos. Muitas das dificuldades desse relacionamento provêm da capacidade distinta dos viajantes de se desprenderem de sua cultura de origem para observar e repensar a população visitada; e a população brasileira que podia ler os seus escritos nem sempre era a que estava sendo descrita ou interpretada no livro de viagem, pois era constituída pela faixa de habitantes mais abastados, identificados com a cultura européica.

Procurando não esquecer as limitações acima, fez-se um esforço de aproveitamento dessas fontes através da sistematização crítica de duas séries de dados: 1) sobre as mulheres que habitavam

o Rio de Janeiro, ao longo do século XIX e 2) sobre os autores da literatura de viagem.

Antes de mais nada, convém constatar a extensão do campo dessa literatura. Ela aparece em livros muito extensos (com cinco ou mais volumes), em livros curtos (de cem ou duzentas páginas), em artigos de revista e em manuscritos, guardados em diferentes arquivos e museus do mundo. Existe sob a forma de literatura para adultos e para crianças, como romance de aventuras, como literatura fantástica ou romance epistolar, havendo, na segunda metade do século XIX, reportagens jornalísticas e guias turísticos. Alguns foram produtos de encomenda do governo brasileiro, a fim de atrair a imigração européica. Muitos tornaram-se obras raras, saindo do mercado livreiro e sendo acessíveis apenas junto a bibliófilos e a bibliotecas especializadas. Com o auxílio de grandes conhecedores dos Viajantes — Rubens Borba de Moraes, Rosemarie Erika Horch, José Mindlin e Paulo Berger —, procurou-se delimitar o campo, através de três parâmetros:

— os livros publicados em/ou traduzidos para o português, o espanhol, o italiano, o francês, o inglês, o alemão e o dinamarquês;

— os viajantes que escreveram sobre mulheres, no Rio de Janeiro, entre 1803 e 1900.

Alguns desses livros são a correspondência dirigida à família ou aos amigos; outros, diários de viagem, escritos sem intenção de publicação, ou como apoio a um relatório posterior; outros, ainda, são memórias, guias comerciais e turísticos, relatórios científicos e mesmo álbuns de desenhos.

A decisão de limitar a pesquisa ao Rio de Janeiro deveu-se a considerações que são apresentadas pelos autores estudados.

O comerciante de pedras preciosas John Mawe declarou: Nenhum porto colonial do mundo está tão bem localizado para o comércio geral quanto o do Rio de Janeiro. Ele goza, mais do que qualquer outro, de iguais facilidades de intercâmbio com a Europa, América, África, Índias Orientais e as ilhas dos Mares do Sul, e parece ter sido criado pela natureza para constituir o grande elo de união entre o comércio dessas grandes regiões do Globo.¹

Durante uma parte do século XIX, os viajantes, mesmo quando desejavam ir para as demais províncias, detinham-se inicialmente no Rio de Janeiro, para obter licença e cartas de apresentação das autoridades.

Em 1865, Agassiz² reafirmou:

O Rio de Janeiro é o ponto para que se tem dirigido de preferência a maior parte das expedições científicas, e, por isso mesmo, o naturalista encontra aí um interesse todo especial.

Procurou-se trabalhar com os escritores das diferentes décadas do século XIX, numa tentativa de apreender as alterações políticas, econômicas e sociais que poderiam se correlacionar com a vida da mulher, dentro e fora dos grupos de parentesco e de convívio. A primeira metade do século, em termos de história social e da condição feminina, apresentou-se como uma continuação da vida colonial, com uma acentuação da urbanização do porto e o início da produção para exportação do café, com mão-de-obra escrava. A proibição do tráfico em 1850 foi um marco significativo. Intensificou-se a europeização da sociedade brasileira, com expansão das colônias estrangeiras urbanas e rurais.

O tradutor e gramático francês Émile Allain³ registrou que "é sobretudo a partir de 1850 que foram iniciadas para o Rio de Janeiro a série de transformações que a tornam diferente do que era". O estabelecimento de linhas de navegação a vapor entre o Rio

e a Europa, a iluminação a gás, as estradas de ferro, os serviços de esgotos e de bondes, o novo abastecimento de água, o telégrafo e o telefone, entre 1850 e 1880, deram à província, e sobretudo à cidade do Rio de Janeiro, condições de vida que tiveram uma influência marcante na vida das famílias e nos padrões de comportamento da mulher.

Inicialmente, pensou-se em dar aos dados referentes direta ou indiretamente à Mulher, encontrados nas fontes estudadas, o tratamento desenvolvido pela técnica de análise de conteúdo, elaborada pela Psicologia Social. Tentar-se-ia categorizar o conteúdo dos livros e calcular-se-ia a frequência com que as diferentes categorias, previamente definidas, apareciam nas obras examinadas. Contudo, esse apoio quantitativo não se mostrou adequado ao universo selecionado. À medida que os livros iam sendo lidos e discutidos por duas pesquisadoras de formação e interesses bem diferentes, verificou-se que não seria possível considerar cada livro como uma unidade. A literatura de viagem compõe-se de uma constelação de autores, onde uma obra-matriz dá origem a inúmeras outras, com uma seqüência de partes idênticas, ou focalizando os mesmos aspectos em momentos diferentes. Existe ainda grande número de cópias parciais de conteúdo e adaptações variadas. Alguns viajantes citam outros e houve os que se encarregaram da edição da obra dos companheiros.

Procurou-se, então, trabalhar os conteúdos por uma análise intertextual para a qual foi elaborado um índice temático, construído a partir das diferentes leituras de cada exemplar. O material assim indexado acabou formando um instrumento de trabalho que mereceu, em 1982, a publicação pela Fundação Carlos Chagas.

Agruparam-se os textos referentes à vida da mulher de acordo com sua aproximação a três instituições sociais em que ela circulava — família, raça e classe e religião.

As famílias (grupos de parentesco e de convívio) constituíram o cenário fundamental da movimentação feminina. Os diversos papéis que a mulher desempenhava, nas diferentes faixas de idade e os padrões de comportamento dentro e fora da família, compõem o maior volume da documentação obtida. A família está incorporada à estratificação social pela estrutura de classes e pelos grupos sociais. Raça, Classe e Religião, em suas interações e em seus reflexos na família, são as outras configurações sociais expressivas na vida do Rio de Janeiro do século XIX.

O índice citado foi feito sob a forma de um dicionário cronológico em que cada autor foi registrado pelo ano em que chegou ao Rio de Janeiro, seguido pelo conteúdo resumido de suas referências diretas ou indiretas à mulher, com indicação de volume e página do exemplar que consta da Bibliografia, ao final das 153 páginas.

Os dados biobibliográficos dos autores foram trabalhados como filtros críticos da documentação obtida. A repercussão das obras completa essa filtragem, permitindo verificar a reação dos leitores conterrâneos e/ou brasileiros e como essa reação variou, diante da mesma obra.

Ainda que nem sempre tenha sido possível colher todos os dados, acerca dos viajantes estudados, a origem, datas de nascimento e morte, data de chegada ao Rio de Janeiro, tempo de permanência no Brasil, tipo de contatos estabelecidos, profissão, religião, língua original, locais visitados, outras obras escritas ou desenhadas, tipo de obra, dedicatória e referência a outros viajantes permitiram caracterizar essa documentação e distinguir em sua contribuição nuances, relativizações e preconceitos. O texto teria cumprido seu ciclo completo se se tivesse obtido dados a respeito

do público do país de origem do escritor, do público brasileiro e do público feminino. Contudo, o que se conseguiu limitou-se a exprimir um aspecto das relações da fração letrada da população brasileira com representantes da cultura européia.

Os viajantes observaram, descreveram e classificaram o mundo social, refletindo, por comparação, sobre a vida cotidiana do grupo visitado, tomando consciência das dificuldades para a compreensão desse grupo. Procuraram superá-las detendo-se no que já se chamou de pré-história contemporânea — no folclore, em crenças e tradições populares, quando não se dedicaram ao estudo da História da população visitada.

Todos podem ser considerados como fontes primárias, pois são, de uma forma ou de outra, depoimentos a respeito de situações testemunhadas. Preocupam-se em descrever minuciosamente algumas situações. Mesmo no caso do escrivão da Marinha inglesa, James Holman (1829),⁴ sua cegueira só fez torná-lo mais consciente do significado de suas observações e dos perigos de chegar a conclusões apressadas e errôneas, por ilusão das aparências. Verificou que a maioria das pessoas depende de informações de terceiros, dentre as quais é preciso saber discriminar. O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1816),⁵ foi dos mais conscientes das falácias de uma observação e de uma interpretação da vida social da população visitada. Preocupou-se com a objetividade dos fatos narrados, tendo o cuidado de completar suas observações com informações de diversas outras fontes. A totalidade do universo apresentado compõe-se de pormenores e relações, comparações e confrontos, cuja expressão aproxima-se do depoimento e que resultará na crônica ou em sua interpretação.

Outra característica quase geral da literatura de viagem é permitir a leitura de seu conteúdo latente através do conteúdo

manifesto. Aquele afiora através de indicações biográficas, da profissão do autor, do período de permanência, da dedicatória, da remática e da abordagem. Esses dados aparecem na ordenação seqüencial dos autores, ou na proximidade dos textos de uma literatura epistolar, como nas cartas bem humoradas da governanta alemã, Ina von Binzer (1882),⁶ em que o público restrito ou não pressuposto concede ao autor maior liberdade e fluência de expressão. Ao lado desses dois níveis de conteúdo, os livros de viagem contam com a reação provocada. As reações favoráveis, indiferentes ou indignadas que seguiram a publicação de muitos deles, embora acabem sendo mais uma documentação sobre a ideologia dos autores dos comentários, fornecem condições para a compreensão das relações com o estrangeiro e das perspectivas a este proporcionadas para observar a vida brasileira.

A expectativa de que as autoras mulheres apresentassem uma perspectiva diferente e alguma identificação com as mulheres do país visitado nem sempre se comprovou. É difícil, sob esse ponto de vista, distingui-las dos autores homens. O que fazem é acrescentar, nem sempre de maneira explícita, às observações acerca da mulher brasileira, informações e reflexões sobre a condição feminina da viajante. A não ser em descrições numéricas e factuais, como as de algumas jornalistas do fim do século XIX, os livros de autoras proporcionaram uma dupla documentação sobre a condição feminina.⁷

De certa forma, o número de viajantes mulheres, em relação ao de autores homens, já é indicativo de um padrão — o espaço para as mulheres, em viagens longas e perigosas, que não existia no início do século XIX, foi conquistado muito lentamente, com a modernização dos transportes marítimos, mas conservou-se área predominantemente masculina. De 1800 a 1850, dos 80 livros

selecionados, apenas 5 foram de mulheres, sendo que a primeira, Rose de Freycinet (1817),⁸ embarcou clandestinamente, disfarçada de homem. De 1850 a 1900 houve 17 autoras entre os 92 livros de viajantes examinados. Os naufrágios e os piratas a que estavam sujeitos os veleiros da primeira metade do século XIX foram dando lugar a linhas normais de navegação a vapor, mais rápidas e baratas, admitindo, com o lazer da classe média e alta, o aumento do número de passageiros em geral e um aumento proporcional de passageiras e de serviços nos navios.

A profissão constituiu um elemento fundamental de ligação entre os autores. Foi ainda o índice da camada social, dada a sua correlação com os contatos mantidos com a população do Rio de Janeiro. Os cientistas, diplomatas e oficiais da marinha tiveram contato quase exclusivo com a Corte, representantes diplomáticos de outros países e pessoa, a seu serviço, enquanto os soldados, artistas, arceões e missionários relatam relações mais diversificadas com a população. Os naturalistas, por força das distâncias percorridas e da falta de albergues, acabaram se relacionando com pessoas de todas as camadas sociais. Cada profissão proporciona, também, um instrumental característico de observação. O grande número de naturalistas constituiu a elite intelectual, cuja função no levantamento e estudo da geologia, zoologia e botânica brasileiras abrangia, entre suas preocupações, o estudo dos povos encontrados. Para eles, o viajante não podia ser um simples espectador, mas sim um ator de passagem, observador atento da realidade, exercitando diante dela a arte de pensar, despreendendo-se de seu mundo imaginário para dirigir sua atenção ao mundo real e imaginário do outro, que ali encontrava. Fazia isso através de um planejamento de objetivos e etapas, arrematados por uma memória final que deveria ser o fundamento para a sugestão de tipos variados de reformas e aperfeiçoamentos.

Naturalistas e artistas muitas vezes vieram juntos, integrando expedições científicas que, através de viagens de circunavegação e roteiros mais delimitados, seguiram as pegadas e a orientação de Humboldt.⁹ Quase todos vieram por recomendação ou estímulo do autor do *Carnio*, cuja preocupação com as ciências naturais abrangia os habitantes dos territórios percorridos e as línguas antigas e modernas que falavam. A vinda de cientistas, em busca de material no Novo Continente, rrouxe e encontrou na população interesse pelas coleções de plantas, pedras, pássaros e insetos. Era uma atividade comum entre diplomatas estrangeiros e pessoas letradas da população, levando ao aparecimento da profissão de empalhadores e oficinas de naturalistas em 1858.¹⁰ O Visconde de Taunay, em suas *Memoírias*,¹¹ tem duas páginas reveladoras desse entusiasmo pela natureza e de reconhecimento do trabalho dos viajantes-naturalistas.

Scherzer (1857),¹² ainda com recomendações de Humboldt, narrou a expedição científica austríaca ao redor do mundo, seguida pelas italianas de Giglioli (1865-1868) e de Santini (1879-1882). Em missões mais restritas e um campo científico mais limitado, encontramos Agassiz, Hart e Herbert Smith na segunda metade do século XIX, afora entomologistas e botânicos menos conhecidos.

Freqüentemente, os artistas (especialistas em animais, plantas, retratos ou paisagens) faziam parte da equipagem da expedição, tendo produzido uma documentação iconográfica precisa que só veio a ser avallada criticamente em 1970, pela antropóloga Thelma Hartmann.¹³ Durante algum tempo, a iconografia dos viajantes foi simulanêa às primeiras tentativas de documentar situações através da máquina fotográfica, para depois ser substituída por desenhos a bico-de-pena, a partir de fotografias tiradas no local.

Naturalistas e artistas tinham a percepção aguçada por condições profissionais. Uns, em função de treinamento e objetivos de formulação racional da observação, e outros, em função da expressão artística do que viam, estavam, em muitos casos, em busca de maior contato com a natureza, da qual se sentiam banidos pela civilização industrial dos países de origem.

Os comerciantes grandes e pequenos, ao procurar introduzir os produtos de seus países no mercado brasileiro e ao descrever as características desse mercado, produziram documentos vivos e às vezes penetrantes das condições de vida no país. Convém, porém, observar que se limitavam a elementos visíveis da economia, descendo dificilmente ao exame da estrutura econômica. Alguns chegaram a recomendar as diversas providências (até o estabelecimento de bancos e de uma frota de guerra) para a expansão política do mercado sem, no entanto, esclarecer as condições brasileiras que admitiriam tais atitudes. A presença dos comerciantes deve ter marcado de tal maneira a população do país, que esta identificava estrangeiro-viajante como comerciante. Em alguns livros da primeira metade do século XIX são mencionados casos de brasileiros surpresos ao encontrar estrangeiros que não lhes queriam vender coisa alguma. É principalmente sobre os comerciantes que incidem as críticas da historiadora Elizabeth Camargo Mendes,¹⁴ atribuindo-lhes um ponto de vista pequeno-burguês que os impedia de perceber a própria atuação como forma de desenvolvimento do Capital. Atribui-lhes (a Mawe, Koster, Luccock e Tollenare) um caráter reformista, nas sugestões para enfrentar o atraso da sociedade brasileira, que pretendia ser uma poderosa arma contra a Revolução.

Um grupo menos numeroso, mas cuja profissão permitiu uma sensível penetração dos inter-relacionamentos familiares e dos vários grupos sociais no Brasil, foi o dos educadores. O caso das

governantas, que viveram em casas de famílias abastadas, chegaram a ser denominado de colonização doméstica. Maria Graham (1785-1842)¹⁵ foi governanta dos filhos de D. Pedro I e de D. Leopoldina, tendo escrito um diário de 1821 a 1823 e Ina Von Binzer (1856-1916)¹⁶ foi governanta da Família Prado e de outras no Rio de Janeiro e em São Paulo e publicou sua correspondência, dirigida a uma amiga, que tem uma tradução brasileira em 1956 e novas publicações em 1980 e 1991. São poucos os livros dessas moças instruídas que se propuseram a ganhar a vida, enfrentando a solidão de um mundo estranho e hostil e tentando transmitir a crianças brasileiras a educação europeia que tinham recebido. Os outros autores-educadores empreenderam o que chamaram de viagem de estudos, pondo em prática, no século XIX, a receita do *Emílio* de Rousseau, de viajar para obter todas as experiências. Houve alguns que o fizeram isoladamente, com o propósito de auto-aperfeiçoamento,¹⁷ enquanto outros chegaram a formar uma Sociedade de Estudos, num navio equipado adequadamente para tal fim.¹⁸

Se os mercenários do Primeiro Reinado, artesãos e marinheiros não tinham a formação dos anteriores, tiveram a vantagem de estabelecer contatos mais diversificados com a população do país visitado, o que, às vezes, resultou em descrições que não coincidiam com as de outros autores. É principalmente o caso do deportado James Hardy Vaux (1807), do tapaceiro francês Victor Ahanasi Gendrin (1817), dos militares alemães Schlichthorst (1824) e Seidler (1826) e do marinheiro norte-americano I. Barra, que escreveu sob o pseudônimo de Old Californian (1850).

Os livros solicitados e financiados pelo governo brasileiro, precursores da propaganda do século XX, embora se abstenham de revelar lados negativos do Brasil, não deixam de apresentar informações de interesse. É o que se pode verificar nas obras do

Conde francês de la Hure (1862), do mercenário alemão Joseph Hommeyer (1863) e da jornalista americana Marie Robinson Wright (1889).

É possível estabelecer uma correlação entre o número de viajantes provenientes das diversas procedências e o predomínio industrial desses locais de origem, no comércio internacional. O século XIX foi o período da supremacia do Império Britânico e neste mundo, de um lado, a perda do predomínio absoluto para a França, os Estados Unidos e a Confederação Germânica e, de outro, o desenvolvimento inédito das relações econômicas britânicas com o mundo ultramarino subdesenvolvido.

Na esfera dos viajantes, essa rivalidade internacional se refletiu através do número de oficiais da marinha, diplomatas, cientistas, missionários e comerciantes. Na primeira metade do século XIX, famílias de comerciantes vieram constituir as colônias estrangeiras da cidade do Rio de Janeiro. Essas colônias urbanas a partir de 1808, difundindo padrões da burguesia endinheirada urbana, num núcleo semi-colonial, dos trópicos. Se foi maior o número de viajantes ingleses, vem logo a seguir o de franceses, americanos e os de língua alemã, embora, em número mais reduzido, houvesse russos, dinamarqueses, suecos, belgas e italianos, procedentes de grupos nacionais que estavam se industrializando e se expandindo através do comércio e da abertura de novos mercados e novos conhecimentos. Além dos viajantes que representavam a expansão do capitalismo industrialista havia os que vinham procurar refúgio, junto à natureza tropical, desse mesmo capitalismo.

Tanto com relação a viajantes quanto a historiadores das viagens, a imprensa e letrados brasileiros do século XIX tinham em alta conta a literatura de viagem. O teor educativo e pragmático

desta acenou-se através do tempo. Da parte dos viajantes, a atração da natureza tropical não superava uma clara missão educativa, dirigida ao público do país de origem ou ao governo do país visitado. Alguns, contudo, foram ridicularizados pela percepção inadequada da realidade brasileira, enquanto outros foram mal recebidos por se interessarem por camadas da população que não eram constituídas por leitores de suas obras. Ainda assim, os viajantes foram responsáveis por uma série de estereótipos que aderiram à historiografia do século XIX, tais como: a reclusão da mulher, a consideração da mulher de "condição" como apenas a branca abastada, a brandura do trabalho escravo no Brasil, a escravidão como instituição civilizadora, a hospitalidade e a indolência do brasileiro, a imoralidade dos negros que depravava as crianças a seu cargo.

Os letrados brasileiros aceitavam o entusiasmo pelas belezas naturais e as demonstrações de cordialidade como contribuições positivas. As descrições da vida social e de tipos humanos que se afastavam da família imperial e elementos da Corte, do Corpo Diplomático e de fazendeiros abastados em trajes de gala lhes pareciam tentativas de desmerecer o Brasil diante da Europa. Apresentam justificativas para o que foi escrito ou taxam o viajante de aventureiro ou charlatão em busca de exotismo e escândalo.

Apesar da variedade de boas, más e medíocres, as obras dos viajantes cumpriram, na primeira metade do século XIX, uma função educativa, assumida em relação ao país de origem e, depois, em relação ao Brasil. Na segunda metade, a difusão de jornais e revistas, de um lado, e as especializações científicas, de outro, vão incorporando as funções exercidas anteriormente pelo livro de viagem. Este vai se tornando menos volumoso e menos denso, reduz os seus objetivos e passa a ser realizado com maior rapidez.

22

Livros de viagem (1803-1900)

Substituída em suas funções de difusão cultural, a literatura de viagem (com as exceções do costume) parece ter deixado, aos poucos, de ser o veículo de grandes autores e ter passado a ocupar uma posição secundária, menos nobre e de interesse mais restrito.

Realizada a análise bibliográfica dos autores, construiu-se um segundo instrumento de trabalho: uma Antologia de textos de viajantes estrangeiros referentes a *A Condição Feminina no Rio de Janeiro — Século XIX*,¹⁹ dividida em quatro partes: Formas de parentesco e de convívio, Preparo da vida adulta, Atividades, Intervalos cíclicos. Utilizando o Índice, foi possível selecionar fragmentos diversificados e mesmo contraditórios, que transmitissem ao leitor, de um lado, algum sabor do texto original e, de outro, o resultado de diferentes leituras e da análise intertextual dos autores.

Em 1986 apareceu uma tese sobre os viajantes entre 1808 e 1885 e a imagem que transmitiam do negro, em sua passagem por Minas Gerais.²⁰ A parte em que analisa as viagens (16 viajantes e sua obra) é do maior interesse. Contudo, embora critique os trabalhos anteriores por terem utilizado as obras dos viajantes para a obtenção de dados, sem dar-lhes a condição de referência, termina por incorrer exatamente na mesma falha, com referência à imagem da escravidão, das condições de vida, produção e lazer do negro em Minas Gerais.

Traza-se de um problema permanente para o historiador, cuja solução tem de passar por seus objetivos e seu rigor teórico e metodológico.

Nesta reunião de estudos sucessivos e intertextuais dos livros de viagem, por diversas vezes foram retomados problemas que se propuseram inicialmente, e as perspectivas com que os estudos interdisciplinares permitiram resolvê-los. Ainda que ao

Relatos de viajantes como fontes da história...

23

leitor esses retornos pareçam repetitivos, foram mantidos para assinalar o andamento e os nós a que uma pesquisa extensa está sujeita.

Notas

- 1 Mawe, John. *Viagem ao interior do Brasil* (1812), p.107.
- 2 Agassiz, L. e E.C. *Viagem ao Brasil*, pp.46-47.
- 3 Allan, Emile. *Rio de Janeiro*, 1886.
- 4 Holman, James. *A Voyage around the world...*
- 5 Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas.*
- 6 Von Binzer, Ina. *Algerias e Tristezas de uma Educadora Alemã no Brasil.*
- 7 Moreira Leite, M. L. A dupla documentação das autoras de livros de viagem. In: Fundação Carlos Chagas, São Paulo, Brasíliaense, 1979 e Espaço Feminino: Rio de Janeiro (1800-1850).
- 8 Freycinet, Rose de Saules. *Journal de Madame Rose de Saules...* 1927.
- 9 Humboldt, A. e Bonpland. *Personal narrative of travels to the Equinoctial Regions of America...* (3 vols.)
- 10 Lahmeyer, Eulália Maria Lobo. *História do Rio de Janeiro*. V.1 pp.134 e 295.
- 11 Taunay, Alfredo d'Escagnolle. *Memórias*, pp.152-153.
- 12 Scherzer, Karl von (1861). *Narrative of the Circumnavigation...*
- 13 Hartmann, Thekla. *A contribuição da iconografia...*
- 14 Mendes, Elizabeth de Camargo. *Os viajantes no Brasil, 1808-1822.*
- 15 Graham, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* 1956.
- 16 Von Binzer, Ina. *Algerias e Tristezas de uma Educadora...*

- 17 Suzannet, Comte de, 1845. Arnold, Samuel Greene, 1847-1848.
- 18 Lemny, Gaston. *À bord de la Junon*, 1878.
- 19 Moreira Leite, M. L. *A Condição Feminina...* 1984
- 20 Leite, Ilka Boaventura. *Negros e Viajantes Estrangeiros em...*

Bibliografia

- AGASSIZ, Luiz e CARY, Elizabeth. *Viagem ao Brasil*. Trad. de Sussekind de Mendonça. São Paulo: Editora Nacional, 1938.
- ALLAIN, Emile. *Rio de Janeiro: quelques données sur la capitale et sur l'administration du Brésil*. Paris: Bibliothèque des Deux Mondes, 1886.
- BINZER, Ina von. *Algerias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Trad. de D. Alice Rossi e D. Luísa da Gama Cerqueira. São Paulo: Editora Anhembis, 1956. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREYCINET, Rose de Saules. *Journal de Madame Rose de Saules de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes par Charles Duplomb*. Paris: Société D'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1927.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823*. Trad. e notas de Américo J. Lacombe. São Paulo: Editora Nacional, 1956.
- HARTMANN, Thekla. *A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX*. São Paulo: Doutorado em Antropologia, USP, 1970.
- HOLMAN, James. *A voyage around the world including travels in Africa, Asia, Australasia, America... from 1827 to 1832*. London: Smith, Elder, 1834.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Personal narrative of travels to the Equinoctial Regions of America during the years 1799-1804 by A. von Humboldt and Aimé Bonpland*. Traduzido e editado por

- Thomassin Röss: 3 vol. London and New York: G. Routledge and Son, 1851.
- LAHMEYER, Eulália Maria Lobo. *História do Rio de Janeiro* (Do Capital Comercial no Capital Industrial e Financeiro). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, 1978. 2 vols.
- LEMAY, Gaston. *À bord de la Junon*. Paris: G. Charpentier, libraire-éditeur, 1879.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do Ouro e dos Diamantes*. Trad. de Solena Benevides Viana. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.
- MENDES, Elizabeth de Camargo. *Os viajantes no Brasil, 1808-1822*. São Paulo: Mestrado em História Social, USP, 1978.
- MOREIRA LEITE, M. L. (org.) *A Condição Feminina no Rio de Janeiro — Século XIX*. São Paulo, HUCITEC/Pré-Memorial INL, 1984.
- _____. et al. *A Mulher no Rio de Janeiro, no século XIX* (Um índice de Referências em Livros de Viajantes Estrangeiros). São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.
- _____. Espaço Feminino (1800-1850). In: *Anais do Museu Paulista*, Tomo XXX (227-240), 1980/1981.
- _____. Família, Século XIX. In: *Ciência Hoje*, RJ 3 (14) 34-40, set/out 1984.
- SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Prouvensal de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. de Vivaldi Moreira. Bdo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975.
- SCHERZER, Karl von. *Narrative of the Circumnavigation of the Globe by the Austrian Frigate Novara*. London: Saunders, Olley and Co., 1861.
- SUZANNET, Conde de. *O Brasil em 1845*. (Semelhanças e diferenças após um século). Trad. de Marcia de Moura Castro. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, s/d (1957).
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Memórias*. São Paulo: Edições Melhoramentos (1892) 1946.

A dupla documentação sobre mulheres nos livros de viajantes (1800-1850)

"...e mais vale segurar com juntas cautelas
que confiar de primores incertos"
Casamento Perfeito (1630)

"Diz bem por isso o rifaão:
Do homem a praça, da mulher a casa".
D. Francisco Manuel de Melo.
Carta de guia de Casados (1651)

"A verdade nem veio nem se foi:
o Erro mudou".
Fernando Pessoa (1922)

Dois 153 livros de viagem levantados (Berger, 1964), na primeira metade do século XIX, foram selecionados 80, efetivamente localizados, dos quais cinco tinham sido escritos por mulheres. O livro de viagem — uma das formas mais antigas de literatura (Jolles, 1976, pp. 28-29 e 167-180) — também deu origem às reflexões a respeito das diferenças entre as sociedades humanas. Adquiriu diversas formas através do tempo e é um produto intermediário entre o documento pessoal (diário íntimo e correspondência) e o relatório oficial (memória descritiva com objetivos políticos, econômicos e educacionais). Sua utilização como documento da história da mulher provém desse caráter intermediário. Sem ultrapassar todas as barreiras racionais e temáticas, pois quase sempre pressupõe um público leitor (o autor escreve para alguém),